

DEUS E O DIABO, A INVERSÃO DE PAPÉIS EM *EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO*¹

Thiago Henrique Gonçalves Alves²
Orientadora: Profa. Dra. Ana Marcia Alves Siqueira³
Universidade Federal do Ceará

Resumo: Todo aquele que lê Saramago nota que uma das suas técnicas de composição é justamente prender a narrativa a fatos ou personagens históricos. Nesta pesquisa iremos abordar a temática de Deus e do Diabo no livro *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Iremos trabalhar com a inversão de papéis proposta por Saramago. Para tal estudo, iremos trabalhar com os conceitos de literatura fantástica e as metamorfoses do Diabo dentro da literatura universal. Ao final, fica claro que José Saramago, mostra-nos um Deus sanguinário, cruel e ambicioso, características que fazem parte do Diabo.

Palavras-chave: Deus, Diabo, Inversão, Papéis, José Saramago.

"O Bem e o Mal não existem em si mesmos, cada um deles é somente a ausência do outro".⁴

Introdução

O trecho acima citado traduz, em poucas palavras, o conceito que temos sobre Deus e o Diabo; que eles são seres inseparáveis, ou seja, um não existe sem o outro. Essa diferença e, simultaneamente, completude são representadas em diversas formas e em diversas culturas; temos, por exemplo, o yin e o yang, na cultura oriental; o bem e o mal, na cultura ocidental; Deus e o Diabo, na cultura cristã.

O Diabo, assim como Deus, tem fundamental papel no sistema religioso judaico-cristão. Deus sendo o todo-poderoso, fonte de todo o bem, e o Diabo, invejoso por natureza, que surgiu para se opor a Deus, sendo assim a fonte do mal.

Neste artigo iremos abordar a temática de Deus e do Diabo no livro *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, do escritor, Prêmio Nobel, único em língua portuguesa, José Saramago. Mais especificamente, iremos trabalhar com a inversão de papéis proposta por Saramago em seu canônico romance, no qual, ao invés do Diabo, Deus que é ambicioso e cruel. Para que possamos fazer tal estudo comparativo, iremos trabalhar

¹ Artigo produzido para apresentação no VII Encontro Interdisciplinar de estudos Literários UFC.

² Aluno do Curso de Letras da mesma instituição.

³ Professora Adjunta do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará.

⁴ SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Ed. Companhia de Bolso 2ª Ed. São Paulo, 2005.

com os conceitos de Literatura Fantástica, mentalidade, imaginário e do Diabo dentro da literatura universal.

Deus, o Diabo e a literatura fantástica

Primeiramente vale destacar que o Diabo é a figura, que através dos tempos, vem representando o mal e preenchendo as páginas da literatura sobrenatural através dos séculos. Fazendo um breve estudo sobre a(s) figura(s) do Maligno através dos séculos, percebemos que este assume diferentes papéis e características. Dentro da própria Bíblia surgem diferentes Diabos:

Pode-se dizer, grosseiramente, que o Satã do Velho Testamento, o torturador de Jó, estava a serviço de Deus para fazer o trabalho sujo que precisava ser feito. Não era, pois, um inimigo de Deus. (...) Já o Novo Testamento apresenta uma imagem ambígua de um Diabo que é, ao mesmo tempo, inimigo de Deus e realizador de sua Vontade (KOLAKOWSKI, 1985, p.8)

No trecho acima citado, podemos apontar aspectos que distinguem os diabos do Velho e do Novo testamento. No primeiro, poderíamos afirmar que a figura do maligno aparece como sendo um inimigo do homem, mas não de Deus. Não surgindo a ideia de um ser decaído, condenado etc. No segundo, constrói-se a figura do anjo decaído, de um ser vivente neste mundo (mundo terreno com o domínio de Lúcifer), aquela figura pouco mencionada no Antigo Testamento, agora, mostra-se com mais frequência.

Continuando o estudo sobre o Maligno, notamos que na Idade Média surge um novo conceito de Diabo, nesta época não existia apenas um Diabo, mas, sim, vários Diabos. Os teóricos deste período voltam-se para a queda dos anjos e o surgimento dos primeiros Diabos, além disso, ressaltam alguns atributos dos anjos caídos:

Existe uma hierarquia diabólica análoga à angelical. Iludindo as pessoas, utilizam o seu grande conhecimento e capacidade para realizar pseudomilagres. Podem também prever o futuro, não como profetas, com a certeza dada por Deus, mas de acordo com sua inteligência natural. (KOLAKOWSKI, 1985, p.14)

Outra maneira que o Diabo medieval utiliza para demonstrar sua força se dá através da bruxaria: “O Diabo medieval demonstrou sua força e capacidade na bruxaria, e organizou um culto para si no meio do Povo. Na Idade Média, assim como mais tarde, a bruxaria implicava sempre uma participação dos demônios.”(KOLAKOWSKI, 1985, p.14)

Para finalizar esta breve explicação sobre a metamorfose do Diabo através dos tempos, destacamos o que o teórico KOLAKOWSKI (1985) considera que ele tem três faces: a primeira seria a face do terrível, na qual a figura do Diabo se aproxima mais do ensinamento oficial católico; a segunda seria a face grotesca, retratando o Diabo por meio das manifestações populares e folclóricas, em numerosas lendas, estórias e contos; a terceira face do Diabo é a trágica, esta sendo construída, sobretudo, pela figura literária do livro *Paraíso Perdido*, de Milton. Nesta face o Diabo “tem dignidade e uma inteligência fria; é um perdedor orgulhoso.” (KOLAKOWSKI, 1985, p.19).

Mas a temática de Deus e do Diabo na literatura pode ser considerada fantástica? Nem sempre. Para pertencer ao gênero do fantástico o texto deve seguir as normas ou apontamentos necessários para isso. O texto fantástico é aquele que proporciona, na interação leitor e mundo literário, uma dúvida ou hesitação (TODOROV, 2004). Por exemplo, na novela *O mandarim*, de Eça de Queirós, há presença do Diabo ou da figura do maligno, mas o texto só é considerado fantástico quando o personagem e o leitor ficam na dúvida se o fato que aconteceu tem explicação no real ou no sobrenatural. Já no discurso de José Saramago, temos a constante presença da desconstrução da narrativa bíblica, o simbólico, o figurado, aqui, assume outras proporções. Notamos que, no decorrer do romance, Saramago constantemente usa desse recurso simbólico, dessa representação de suas alegorias, entretanto, fica evidente não a literatura fantástica em si. A presença do discurso alegórico descarta a presença do discurso fantástico, mas o clima sobrenatural e maravilhoso predomina durante toda a narrativa: podemos citar como exemplo as visitas do anjo, a aparição de Deus no deserto e na barca, os milagres que Jesus realiza em todo o romance.

A arte de recriar

Todo aquele que lê Saramago, mais cedo ou mais tarde vai notar que uma das suas técnicas de composição e de escrita é justamente prender a narrativa a fatos ou personagens históricos. Só para exemplificar, temos isso em *Memorial do Convento* (1982) e *História do cerco de Lisboa* (1989), portanto Saramago é considerado um mestre na arte de fazer um romance histórico ou recriar um acontecimento.

No caso do romance *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, Saramago recria o mundo vivido há cerca de 2000 anos. No estudo do romance histórico, podemos destacar duas

linhas básicas de estudo, e as duas são cabíveis aqui. A primeira seria a de *intertextualidade*, já que o romance é uma releitura da Bíblia, com a qual há um constante diálogo. Outro conceito aqui trabalhado é o conceito de mentalidade e imaginário propostos por Hilário Franco Júnior. Para ele, a mentalidade seria um conjunto de comportamentos espontâneos, pensamentos e sentimentos em comum. Mentalidade é um traço de uma cultura que existiu de maneira mais estável em uma delimitação espacial e temporal.

Ainda em seu texto, Franco Júnior, destaca que o uso da palavra imaginário para fazer referência a mentalidade é inadequada. Pois imaginário não substitui mentalidade, mas, sim, aproximando-se desta. Imaginário, aqui, assumiria o papel de uma tradição histórica e segmentada em um espaço temporal: “o imaginário é um sistema de imagens que exerce função catártica e construtora de identidade coletiva ao aflorar e historicizar sentimentos profundos do substrato psicológico de longuíssima duração” (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 95-96). Ou seja, a mentalidade é esse substrato de longuíssima duração que se modifica muito lentamente e se manifesta através do imaginário que expõe os diferentes simbolismos utilizados em diferentes recortes espaço-temporais.

Imaginário cristão x desconstrução

Imaginário cristão que aqui tratamos vem desenvolvendo-se, sobretudo, à partir da Idade Média. É durante este longo período histórico que desenvolve-se a figura do Diabo como um ser maligno ou representação do mal. Aqui, a figura de Satã torna-se responsável pela queda do homem do paraíso, já que esta seria a única maneira de atingir Deus. Esta “imagem” do Diabo como um ser maligno perdura até hoje, principalmente na cultura ocidental, maniqueísta, onde sempre existiu e sempre existirá essa luta entre Deus e o Diabo, bem e o mal.

A literatura contemporânea, indagadora, revolucionária, procurando sempre novas formas de se fazer arte, propõe a desconstrução de conceitos e regras pré-estabelecidas. Esta nova maneira de pensar e fazer arte tem origem no Iluminismo e, conseqüentemente, na revolução francesa. Seu efeito já é de imediato visto nos poemas e romances românticos, que se constroem com metrificações livres, temas tétricos e góticos, com a valorização da pátria etc.

José Saramago, representante exímio dessa postura, utiliza destas técnicas de desconstrução de um texto já escrito (a Bíblia) e o reconstrói de uma maneira completamente nova.

Inversão de papéis: Deus e o Diabo

Após a explanação dos textos teóricos, essa parte do trabalho ficara responsável por demonstrar no texto de José Saramago a inversão de papéis. Mostraremos aqui, através da recriação de Saramago, um Deus ambicioso e cruel e um Diabo um tanto quanto preocupado com Cristo. Temos nos seguintes trechos:

(...) Então, como se de súbito as colinas se tivessem arredado do seu caminho, Jesus saiu do labirinto dos vales para um espaço circular liso e arenoso onde, no centro exacto, viu a ovelha. Correu para ela, tanto quanto lho permitiam os pés feridos, mas uma voz deteve-o, Espera. Uma nuvem da altura de dois homens, que era como uma coluna de fumo girando lentamente sobre si mesma, estava diante dele, e a voz viera da nuvem. Quem me fala, perguntou Jesus, arrepiado, mas adivinhando já a resposta. A voz disse, Eu sou o Senhor, e Jesus soube por que tivera de despir-se no limiar do deserto. Trouxeste-me aqui, que queres de mim, perguntou, Por enquanto nada, mas um dia hei-de querer tudo, Que é tudo, A vida, Tu és o Senhor, sempre vais levando de nós as vidas que nos dás, Não tenho outro remédio, não podia deixar atravancar-se o mundo, E a minha vida, quere-la para quê, Não é ainda tempo de o saberes, ainda tens muito que viver, mas venho anunciar-te, para que vás bem dispondo o espírito e o corpo, que é de ventura suprema o destino que estou a preparar para ti, Senhor, meu Senhor, não compreendo nem o que dizes nem o que queres de mim, Terás o poder e a glória, Que poder, que glória, Sabê-lo-ás quando chegar a hora de te chamar outra vez, Quando será, Não tenhas pressa, vive a tua vida como puderes, Senhor, eis-me aqui, se nu me trouxeste diante de ti, não demores, dá-me hoje o que tens guardado para dar-me amanhã, Quem te disse que tenciono dar-te alguma coisa, Prometestes, Uma troca, nada mais que uma troca, A minha vida por não sei que pago, O poder, E a glória, não me esqueci, mas se não me dizes que poder, e sobre quê, que glória, e perante quem, será como uma promessa que veio cedo de mais, Tornarás a encontrar-me quando estivéres preparado, mas os meus sinais acompanhar-te-ão desde agora(...) (SARMAGO, p. 218-219)

Disse Jesus, Vim saber quem sou e o que terei de fazer daqui em diante para cumprir, perante ti, a minha parte do contrato. Disse Deus, São duas questões, portanto temos de ir por partes, por qual queres começar, Pela primeira, quem sou eu, perguntou Jesus, Não o sabes, perguntou Deus por sua vez, Julgava saber, julgava que era filho do meu pai, A que pai te referes, Ao meu pai, ao carpinteiro José filho de Heli, ou de Jacob, não sei bem, O que morreu crucificado, Não pensava que houvesse outro, Foi um trágico engano dos romanos, esse pai morreu inocente e sem culpa, Disseste esse pai, isso significa que há outro, Admiro-te, és um rapaz esperto, inteligente, Neste caso não foi a inteligência que me serviu, ouvi-o da boca do Diabo, Andas com o Diabo, Não ando com o Diabo, foi ele quem veio ao meu encontro, E que foi que ouviste da boca do Diabo, Que sou teu filho. Deus fez,

compassado, um gesto afirmativo com a cabeça e disse, Sim, és meu filho, Como pode um homem ser filho de Deus, Se és filho de Deus, não és um homem, Sou um homem, vivo, como, durmo, amo como um homem, portanto sou um homem e como homem morrerei, No teu lugar, não estaria tão certo disso, Que queres dizer, Essa é a segunda questão, mas temos tempo, que respondeste tu ao Diabo que disse que eras meu filho, A esse respeito nada, fiquei à espera do dia em que te encontrasse, e a ele expulsei-o do possesso que andava atormentando, chamava-se Legião e era muitos, Onde estão agora, Não sei, Disseste que os expulsaste, Com certeza sabes melhor do que eu que, quando se expulsam diabos de um corpo, não se sabe para onde vão, E por que hei-de eu saber dos assuntos do Diabo, Sendo Deus, tens de saber tudo, Até um certo ponto, só até um certo ponto, Que ponto, O ponto em que começa a ser interessante fazer de conta que ignoro, Pelo menos saberás como e porquê sou teu filho e para quê, Observo que estás muito mais despachado de espírito, e mesmo um tanto impertinente, considerando a situação, do que quando te vi pela primeira vez, Era um rapaz assustado, agora sou um homem, Não tens medo, Não, Tê-lo-ás, descansa, o medo chega sempre, até a um filho de Deus (...) (SARAMAGO, p.304-305)

Nos dois trechos acima mostrados, temos, respectivamente, a primeira e a segunda aparição de Deus para Jesus. A primeira aparição, durante a peregrinação do deserto, mostra-nos Deus propondo algo a Jesus, não é revelado ainda o que seja, mas fica aberto que seja, há uma ideia de troca ou barganha, temos aqui o primeiro aspecto da inversão de papéis, seria uma espécie de mefistofelismo às avessas, no qual Jesus parece fazer um acordo com Deus em troca de algo, no caso do texto seria glória e poder. Outro aspecto que nos remete é que no texto bíblico quem perturba Jesus no deserto é o Diabo que o tenta. Na segunda aparição, Deus revela a Jesus ser um dos seus pais, porém o sentimento que notamos no trecho transcrito, não é de fraternidade, na verdade temos Deus intimidando Jesus, dizendo que ele terá ou sentirá medo.

Não criei nenhum mundo, não posso avaliar, disse Jesus, Pois é, não podes avaliar, mas ajudar, podes, Ajudar a quê, A alargar a minha influência, a ser deus de muito mais gente, Não percebo, Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano, estou certíssimo de que em pouco mais de meia dúzia de séculos, embora tendo de lutar, eu e tu, com muitas contrariedades, passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega, E qual foi o papel que me destinaste no teu plano, O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé. As duas palavras, mártir, vítima, saíram da boca de Deus como se a língua que dentro tinha fosse de leite e mel, mas um súbito gelo arrepiou os membros de Jesus, tal qual se o nevoeiro se tivesse fechado sobre ele, ao mesmo tempo que o Diabo o olhava com uma expressão enigmática, misto de interesse científico e involuntária piedade. Disseste-me que me darias poder e glória, balbuciou Jesus, ainda tremendo de frio, E darei, e darei, mas lembra-te do nosso acordo, tê-los-ás, mas depois da tua morte, E de que me servem poder e glória, se estou morto, Bem, não estarás precisamente morto, no sentido absoluto da palavra, pois, sendo tu meu filho, estarás comigo, ou em mim, ainda não o tenho decidido em definitivo, Nesse sentido que dizes, que é não estar morto, É, por exemplo,

veres, para todo o sempre, como te venerarão em templos e altares, ao ponto, posso adiantar-to desde já, de as pessoas no futuro se esquecerem um pouco do Deus inicial que sou, mas isso não tem importância, o muito pode ser partilhado, o pouco não o deve. (SARAMAGO, p.309)

Nesse trecho final, temos a comprovação máxima de inversão de papéis, nele Deus revela seu plano ambicioso de deixar de ser Deus dos Hebreus e passar a ser Deus dos católicos, nem que para isso faça de seu filho um “mártir” e uma vítima, “duas palavras que saíram da boca de Deus como se a língua que dentro tinha fosse de leite e mel.” Há também, novamente, a questão do mefistofelismo às avessas, em que Deus promete vida eterna “Bem, não estarás precisamente morto, no sentido absoluto da palavra, pois, sendo tu meu filho, estarás comigo, ou em mim”, poder e glória, “Disseste-me que me darias poder e glória, balbuciou Jesus, ainda tremendo de frio, E darei, e darei, mas lembra-te do nosso acordo, tê-los-ás, mas depois da tua morte”. Temos aqui a crueldade de Deus que manda o próprio filho para morte com o pretexto de aumentar seus domínios em poucos séculos, deixando de ser o Deus dos hebreus para passar a ser o Deus dos católicos.

Palavras finais

Através desse breve estudo podemos notar que a obra de José Saramago é, no mínimo, revolucionária. Tanto pela questão temática, como pela maneira da escrita, as reconstruções, as imagens que, através da linguagem, ele nos mostra.

José Saramago apresentou-nos sua versão dos textos bíblicos, ela recria todo o ambiente e contexto no qual viveu Jesus. Através de suas metáforas, Saramago mostramos um Jesus humano, um Jesus corruptível, e um Deus egoísta, ambicioso e cruel, que sacrifica a vida do próprio filho em nome da glória e do poder através dos séculos.

Munido das teorias de *intertextualidade* e com os conceitos de mentalidade e imaginário desenvolvidos por Franco Júnior, fizemos um breve estudo sobre as transformações do Diabo na literatura. Esse estudo mostrou-nos que é possível recriar histórias, usar de elementos textuais ou de personagens para criar outros. Com o uso desses recursos, Saramago desconstrói a figura de Cristo, Deus e Diabo que estão presentes no imaginário cristão e nos mostra os dramas humanos, as crises, as ambições que giram em torno desses personagens.

Referências

FRANCO JÚNIOR, Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre mentalidade e imaginário. **Signum**. São Paulo, n. 5, 2003, p.73-116.

KOLAKOWSKI, Leszek. O Diabo. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1985.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.